



Editora da Universidade do Sagrado Coração

**Coordenação Editorial**

Irmã Jacinta Turolo Garcia

**Assessoria Administrativa**

Irmã Teresa Ana Sofiatti

**Assessoria Comercial**

Irmã Áurea de Almeida Nascimento

**Coordenação da Coleção Ciências Sociais**

Luiz Eugênio Vésicio



Mary Louise Pratt

**Os olhos do império:**

relatos de viagem  
e transculturação

Tradução

Jézio Hernani Bonfim Gutierre

Revisão técnica

Maria Helena Machado

Carlos Valero

SBD-FFLCH-USP



312707

## sumário

9 Ilustrações

11 Apresentação

15 Prefácio à edição brasileira

19 Prefácio

23 Capítulo 1. Introdução: crítica na zona de contato

Parte 1. Ciência e sentimento, 1750-1800

41 Capítulo 2. Ciência, consciência planetária, interiores

77 Capítulo 3. Narrando a anticonquista

127 Capítulo 4. Anticonquista II: a mística da reciprocidade

155 Capítulo 5. Eros e abolição

Parte 2. A Reinvenção da América, 1800-50

195 Capítulo 6. Alexander von Humboldt e a reinvenção da América

249 Capítulo 7. Reinventando a América II: a vanguarda capitalista e as *exploratrices sociales*

295 Capítulo 8. Reinventando a América/Reinventando a Europa: a automodelação crioula

Parte 3. Estilística imperial, 1860-1980

339 Capítulo 9. Do Vitória Nyanza ao Sheraton San Salvador

379 Índice remissivo

Apenas olhando  
você pode ver muito.

Iogue Berra

## anticonquista II: a mística da reciprocidade

Parece que por nossos pecados, ou por algum inescrutável juízo de Deus, em todas as entradas desta grande Etiópia (i. e., África) que costeamos, colocou ele um anjo vingador com uma espada flamejante de febres mortíferas, que nos impede de penetrar no interior para os mananciais deste jardim, de onde procedem os rios de ouro que fluem para o mar em tantas partes de nossa conquista.

(João de Barros (Portugal, 1552))<sup>1</sup>

Em junho de 1797, um escocês de 25 anos surgiu repentinamente em Pisanía, na costa da África Ocidental, sozinho, carente e maltrapilho. Seu nome era Mungo Park, e havia acabado de passar um ano e meio no interior explorando a bacia do Níger. Ele estava prestes a voltar para a Inglaterra e escrever um dos livros de viagem mais populares de seu tempo. Park havia viajado sob os auspícios da Association for Promoting the Discovery of the Interior Parts of Africa (Associação para a Promoção da Descoberta das Áreas Interiores da África), conhecida pela abreviação African Association (Associação Africana) e baseada em Londres. Esta aliança de aristocratas e ricos homens de negócios, “que incluía pares do reino, baronetes, membros do Parlamento, um general aposentado e um bispo,”<sup>2</sup> foi for-

1. Citado em Christopher Lloyd – *The Search for the Níger*, London, Collins, 1973, pp.13-14.

2. E. W. Bovill – *Missions to the Níger*, Hakluyt Society, Série II, vol. 123, p.2.

mada em 1788 sob a liderança de Joseph Banks, e dirigiu a exploração britânica da África Ocidental nas quatro décadas seguintes. (Banks seria sucedido em 1815 por ninguém menos que John Barrow, cujas viagens de juventude foram discutidas no capítulo precedente.) No encontro inaugural da Associação, “doze cavalheiros abastados” reuniram-se para lamentar que, nas palavras de seu próprio manifesto,

Não obstante o progresso da descoberta nas costas e fronteiras daquele rude continente (i. e., África), o mapa de seu interior ainda não é mais que um extenso vazio, onde o geógrafo, com base na autoridade de Leão, o africano, e do xerife de Edrissi, autor núbio, traça com mão hesitante uns poucos nomes de rios inexplorados e de nebulosas nações. ... Atentos a este problema e desejosos de resgatar esta era do peso da ignorância que, em outros aspectos, é tão oposta a seu caráter, uns poucos indivíduos, profundamente convictos da praticidade e utilidade de assim desenvolver o acervo do conhecimento humano, arquitetaram uma Associação para a Promoção da descoberta das regiões interiores da África.<sup>3</sup>

A ênfase em relação à praticidade, a ausência de qualquer menção à ciência e a imagem do conhecimento humano como um “acervo” refletem os objetivos predominantemente comerciais da Associação Africana. Os membros eram expansionistas econômicos, interessados em “comércio legítimo”, ou seja, nem em colonização, nem em assentamentos e, acima de tudo, avessos ao comércio escravo. Em dois anos, a Associação teria noventa e cinco membros.

O projeto a que o grupo se dedicou inicialmente provou ser tão difícil que permaneceu sendo o único que empreendeu: estabelecer o curso, direção, nascente e foz do rio Níger, mantendo contato comercial e diplomático com aqueles que habitassem as suas cercanias. Os fundadores tinham grandes esperanças nas perspectivas que os poderiam estar aguardando. O Níger, como propôs Heródoto,

3. Ibid., p.4.

bem poderia fluir para o leste, atravessando toda a África até o Nilo, propiciando assim uma rota transcontinental de comércio para o Mediterrâneo; especialmente desde Leão, o Africano, muçulmano espanhol cuja *História e descrição da África* data de 1550, Timbuktu havia existido nos mapas mentais europeus como uma cidade de ouro, no centro de um reino afluyente e sofisticado.<sup>4</sup> Relatos antigos haviam levado os europeus a especular que “o conhecimento e a língua do antigo Egito podem ainda sobreviver imperfeitamente” no interior e que em alguma região escondida até os cartagineses poderiam ser encontrados, mantendo “uma parcela daquelas artes e ciências e daquele conhecimento comercial pelos quais os habitantes de Cartago foram um dia tão afamados.” Os emissários da Associação eram instruídos, como o foi Mungo Park, não apenas a localizar o Níger, mas, para citar as ordens de Park, “a visitar as principais cidades de suas cercanias, particularmente Tombuctoo e Haussa.”<sup>5</sup>

A idéia de um interior africano densamente povoado com cidades e estados estabelecidos, redes comerciais e mercados para produtos britânicos, contrasta com as expectativas de poucas décadas antes, quando os estereótipos determinados pelo tráfico de escravos governavam as ideologias européias. Em 1759, por exemplo, o tradutor inglês da *Viagem ao Senegal* (França, 1793) de Adanson apresentou a África como “um país coberto pela miséria”, cujo panorama consistia de “desertos escaldantes, rios e torrentes”, onde eram encontrados “tigres, javalis, crocodilos, serpentes e outras bestas selvagens.” Os habitantes, tanto negros quanto mouros, são descritos como “pobres e indolentes”, ainda

4. O francês René Caillié provou ser o primeiro europeu moderno a sobreviver uma jornada de ida e volta a Timbuktu. Quando ele retornou em 1828 reclamando a recompensa de 2.000 francos oferecida pela Sociedade Geográfica Francesa por este feito, relatou que a cidade fabulosa era “à primeira vista, nada mais do que um conglomerado de casas de aparência insalubre, construídas de terra” (citado em Lloyd, *op. cit.*, p.73).

5. Mungo Park – *Travels in the Interior of Africa*, Edinburgh, Adam & Charles Black, 1860, p.3. As referências subseqüentes serão a esta edição.

que “amistosos e dóceis”.<sup>6</sup> Trinta anos mais tarde, tais panoramas foram vistos sob suspeita. O médico dinamarquês Paul Isert, em seu *Viagens na Guiné e Ilhas Caribenhas da América* (1793), argumentava que os defensores da escravidão, que achavam os africanos “naturalmente preguiçosos, teimosos, inclinados para o furto, bebida e todos os vícios” deveriam viajar para o interior africano “se desejarem sinceramente ser curados de seus preconceitos.”<sup>7</sup> Em 1782, o editor britânico das célebres cartas do ex-escravo Ignatius Sancho explicou os talentos literários deste indivíduo em termos semelhantes. “Aquele que adentrar o interior da África”, escreve ele, “muito possivelmente descobrirá artes e nações que mantêm muito pouca analogia com a ignorância e a grosseria dos escravos das ilhas produtoras de açúcar, expatriados na infância e brutalizados sob o chicote do feitor.”<sup>8</sup>

6. Michel Adanson – *A Voyage to Senegal*, in John Pinkerton (ed.) – *Voyages and Travels in all Parts of the World*, London, Longman et alii, vol. 16, 1814, pp.598-9. A tradução (1759) é de “um cavalheiro inglês, que residiu por algum tempo naquele país.” Christopher Lloyd em *The Search for Níger* cita Lorde Chesterfield durante os primeiros anos do século XVIII dizendo a seu filho que “Os africanos são o mais ignaro e rústico povo do mundo, pouco melhor que os leões, tigres, leopardos e outras bestas selvagens que aquele país produz em grandes números” (Lloyd, *op. cit.*, p.17).

7. Paul Erdman Isert, p.305 (tradução minha). No original francês, lê-se:

Mais, disent les défenseurs de l'esclavage, les nègres sont naturellement paresseux, obstinés, adonnés au vol, à l'ivrognerie, à tous les vices. ...Je n'ai autre chose à répondre à ces Messieurs, sinon que s'ils veulent sincèrement être guéris de leurs préjugés contre les Nègres, ils n'ont qu'à se donner la peine de faire un tour dans l'intérieure de l'Afrique, ils y observeront partout, l'innocence, la simplicité des mœurs, la bonne foi. Là, seulement sont en vogue ces pratiques d'enfer, où les rudes agens, les Européens, avec leurs productions, ont introduit les appétits qui les y excitent.

Visitante da costa da Guiné, Isert estava entusiasmado por ter sido convidado para o interior por uma mulher (a quem descreve como uma princesa) que procurava aconselhamento médico para um parente. Da mesma forma que a maioria de seus contemporâneos, o abolicionista de Isert não fazia dele um igualitarista. Para substituir a escravidão, ele propunha mover as *plantations* para a África, onde os africanos continuariam a trabalhá-las como mão-de-obra assalariada ou em servidão contratada (ibid., p.397).

8. Citado em Wylie Sypher – *Guinea's Captive Kings: The British Anti-Slavery Literature of the XVIIIth Century*, Chape Hill, North Carolina U. P., 1942, p.152.

Como tais especulações sugerem, a re-imaginação do interior africano em fins do século XVIII coincidiu com a extraordinária aceleração do movimento antiescravagista após 1770 e a reconcepção dos africanos como um mercado e não mais como mercadoria. De fato, a formação da Associação Africana sucedeu por apenas uns poucos meses a inauguração de uma entidade igualmente histórica, a Society for the Abolition of the Slave Trade (Sociedade para a Abolição do Tráfico de Escravos). O afamado membro do parlamento William Wilberforce foi sócio de ambas.

É difícil dizer o que é mais notável, o fato de que Mungo Park tenha assumido sua missão para o Níger ou que tenha sobrevivido a ela. Seu esforço havia sido precedido por uma série de fracassos desalentadores.<sup>9</sup> O primeiro emissário da Associação, Simon Lucas, havia retrocedido quando se encontrava a 100 milhas de Trípoli; o segundo, um americano chamado John Ledyard, morreu antes de partir do Cairo; o terceiro, Daniel Houghton, disfarçado como árabe, juntou-se a uma caravana no deserto, mandou umas poucas mensagens entusiasmantes e desapareceu em Bambouk, no Saara. No entanto, o entusiasmo doméstico pela aventura do Níger nunca esmoreceu. Quando Park ofereceu seus serviços, em 1794, a Associação Africana ainda possuía aproximadamente 100 membros em todo o continente (incluindo um jovem alemão de nome Alexander von Humboldt, cujas viagens ainda estavam por acontecer), e havia conseguido persuadir o governo britânico a designar um cônsul e cinquenta soldados para a Senegâmbia a fim de assistir ao desenvolvimento do comércio ao longo dos rios Níger e Gâmbia, onde quer que se provasse que fluíam.

Em dezembro de 1795, Park dirigiu-se de Pisania, o principal posto avançado europeu sobre o rio Gâmbia, para

9. Meu sumário da expedição de Park e de seu contexto africano baseou-se nas seguintes fontes: Philip Curtin – *The Image of Africa: British Ideas and Action, 1780-1850*, 2 vols., Madison, Wisconsin U. P., 1985; Lloyd, *op. cit.*; Kenneth Lupton – *Mungo Park, the African Traveler*, Oxford U. P., 1979; Peter Brent – *Black Nile*, London, G. Cremonesi, 1977; Richard Owen – *Saga of the Níger*, London, R. Hale, 1961; Ronald Syme – *I, Mungo Park*, London, Burke, 1951.

o interior, acompanhado inicialmente por um grupo de seis, que foi sendo sistematicamente reduzido até restringir-se a um único menino escravo a quem se havia prometido a liberdade caso completasse a jornada, e que finalmente também desapareceu. Viajando para o leste, Park se movimentou dentro do território habitado pelos mandingos (africanos muçulmanos, muitos dos quais se tornaram vítimas do tráfico de escravos) e posteriormente no território dos fulani, cujo império se estendia internamente e incluía Timbuktu. Aqui, entre os odiados mouros, como Park os chama, os problemas começaram. Ele passou a encontrar bandoleiros, nações em guerra e reis ambiciosos; foi aprisionado e torturado durante um mês por um potentado fulani chamado Ali, descrito ao estilo orientalista como um modelo do absolutismo corrupto. Ao obter sua libertação, Park dirige-se para o sul, dentro do reino rival de Bambara, que margeava o Níger. Em sua capital, Segu, ele afinal avistou “o longamente procurado e majestoso Níger, brilhando ao sol da manhã, tão amplo quanto o Tâmis em Westminster, e fluindo vagarosamente *para o leste*.”<sup>10</sup> Desistindo de alcançar Timbuktu, Park, privado de recursos e faminto, voltou-se para a costa, juntando-se por uma boa parte do caminho a uma caravana de escravos de cuja caridade ele dependeu. Retornou a Pisanía um ano e meio mais tarde – muito depois de ter sido dado como morto.

Park jamais alcançou Timbuktu e não encontrou os egípcios, os cartagineses ou os remanescentes de antigos reinos cristãos. Mas ele atingiu o Níger e fez a observação crucial de que este fluía para o leste, deixando aberta a entusiasmante possibilidade de que ele fosse conectado ao Nilo. (Isto não ocorre.) Igualmente importante, Park fez contatos de primeira mão com os vastos e prósperos reinos Fu-

10. Park, *op. cit.*, p.177. A observação de que o Níger fluía para o leste provou ser, afinal de contas, enganosa, pois ele finalmente vira abruptamente para o sul e de volta para o oeste, desaguando na angra de Benin na costa ocidental do continente. Este curso inesperado não foi documentado pelos exploradores europeus até a década de 1820, quando é mencionado por Richard Lander.

lani e Bambara da África do Centro-Oeste, confirmando o que um comentarista inglês havia descrito como “o mais elevado estado de progresso e civilização superior dos habitantes do interior quando comparados aos habitantes dos países próximos à costa.”<sup>11</sup> Uma descoberta que talvez suscitasse humildade nos europeus, ao levantar a questão de qual seria a sua responsabilidade e a do tráfico de escravos no “rebaixamento” do “estado de progresso” da sociedade africana na costa; humildade que também deveria ser estimulada pelo estado de progresso da Europa, que a mantinha ignorante sobre as sociedades da África Ocidental e Central, ao passo que estas, há muito, tinham contato com as mercadorias e o conhecimento da Europa.

Mais importante que tudo, Park viveu para completar a viagem de retorno à Inglaterra e expor seus achados para seus patrocinadores europeus. As fantasias mercantis da Associação adquiriram uma nova intensidade, “Pelos descobertas do Sr. Park,” regozijaram-se seus membros,

uma porta foi aberta para toda nação mercantil entrar e comerciar da extremidade ocidental à oriental da África. ... Com as devidas informações e empenho do crédito e iniciativa britânicos, é difícil imaginar a extensão potencial a que pode chegar a demanda pelas manufaturas de nosso país, por parte de países vastos e populosos.<sup>12</sup>

O próprio Park assumiu o crédito pelos feitos geográficos e comerciais: “tornando a geografia da África mais familiar aos meus compatriotas e ... abrindo à sua ambição e indústria novas fontes de riqueza e novos canais de comércio.”<sup>13</sup>

Deus sabe que os novos canais eram necessários, assim como um estímulo ao moral. As últimas décadas do século XVIII haviam sido um período difícil para o imperialismo europeu. A exploração do interior era bloqueada pela doença em boa parte do mundo tropical e pela resistência

11. Prefácio a Park, *op. cit.*, p.ix.

12. Bovill, *op. cit.*, p.48.

13. Park, *op. cit.*, p.107.



Fig.12. Frontispício retratando a observação do Níger por Mungo Park. Da edição de 1860 da obra de Park *Viagens no Interior da África*.

indígena. O assassinato de Cook havia abalado a idílica fantasia polinésia. No Caribe, seriam necessários vários milhares de soldados britânicos para finalmente expulsar os índios caribenhos de suas terras em St. Vicent – terras estas que lhes haviam sido outorgadas por tratado.<sup>14</sup> Os Estados Unidos, como se sabe, haviam obtido sua independência, e outros bastiões coloniais estabelecidos estavam sendo ameaçados como raramente se vira até então. Na América espanhola, os

14. Sobre a morte de Cook, consulte-se Marshall Sahlins – *Islands of History*, Chicago, Chicago U. P., 1985; sobre os caríbas, veja-se Peter Hulme – *Colonial Encounters*, Cambridge U. P., 1987.

movimentos de independência estavam adquirindo impulso, alguns deles procurando apoio britânico e francês. Nos Andes, a resistência indígena ao poder colonial intensificava-se firmemente. Em 1781, um levante generalizado das populações indígenas andinas havia abalado profundamente as elites coloniais espanholas. Desde 1770, comunidades de escravos fugidos no Suriname haviam ameaçado a estabilidade e a viabilidade da economia das *plantations*. Em 1790, a revolta de escravos em Santo Domingo havia derrubado o poder colonial francês, criando um governo independente, não branco, e todo o restante do Caribe ameaçava seguir a mesma via.<sup>15</sup> O choque de Santo Domingo foi grande a ponto de paralisar o movimento abolicionista britânico – mas apenas temporariamente. O inexorável ímpeto do abolicionismo permaneceu central para a sensação de crise, não apenas na Grã-Bretanha. Experimentos em estratégias imperiais alternativas produziram fracassos desanimadores, tais como as tentativas britânicas de colonizar Serra Leoa com ex-escravos. A procura da passagem noroeste não estava alcançando resultados, e era difícil ver alguma outra coisa proveitosa nas regiões polares. Como sempre, as potências coloniais européias tinham seus tesouros dilapidados pelos conflitos que mantinham entre si, enquanto os bastiões eurocoloniais passavam de mão em mão, posições seguras cujo valor (exceto pelo tráfico de escravos), em muitos casos, continuava obscuro, assim como os interiores permaneciam desconhecidos.

Entretanto, acima de tudo, o euroimperialismo enfrentava uma crise de legitimidade. As histórias de tratados quebrados, genocídios, deslocamentos em massa e escravizações tornaram-se cada vez menos aceitáveis na medida em

15. Para uma recente fonte em inglês sobre a revolta andina, veja-se Steven J. Stern (ed.) – *Rebellion and Consciousness in the Andean Peasant World, 18<sup>th</sup> to 20<sup>th</sup> Centuries*, Madison, Wisconsin, Wisconsin U. P., 1987; sobre os quilombos do Suriname, consulte-se Richard Price – *First-Time: The Historical Vision of an Afro-American People*, Baltimore, Johns Hopkins U. P., 1983; sobre a revolução de Santo Domingo, consulte-se o clássico de C. L. R. James – *Black Jacobins: Toussaint L'Ouverture and the Santo Domingo Revolution*, New York, Vintage, 1963.

que as ideologias racionalistas e humanitárias se firmavam. Particularmente após a Revolução Francesa, as contradições entre ideologias domésticas igualitárias e democráticas, de um lado, e, de outro, implacáveis estruturas de dominação e extermínio no exterior tornaram-se mais agudas. No entanto, as demandas do capital persistiam. Acompanhando a expansão capitalista, a competição entre as nações euroimperialistas intensificava-se continuamente. E, como sempre, seria sua própria competição, uns com os outros, que forçaria as potências coloniais a encontrar novas formas para as intervenções euroimperialistas e novas ideologias legitimadoras: missão civilizadora, racismo científico, e paradigmas de progresso e desenvolvimento baseados em tecnologia.

Não por acaso, as exultações imperiais da Associação Africana em reação ao retorno de Mungo Park foram expressas em uma linguagem racista e numa imagem de re-mapeamento: “Assim como o grande continente da África, em meio aos seus oceanos de areia, ocasionalmente expõe seus oásis ... assim também, em analogia com a face do país, a mente simplória e torpe de seu povo apresenta ocasionalmente traços de inteligência e filantropia, ricos pontos de gênio e cenas localizadas de desenvolvido estabelecimento social.”<sup>16</sup> Estas palavras insultuosas não chegam a fazer justiça ao impacto das viagens/*Viagens* de Park. Mesmo antes que seu livro aparecesse, a Associação Africana sabia que tinha um sucesso em suas mãos. “Park prossegue triunfalmente”, declarou o encarregado de supervisionar seus escritos. “Algumas das partes que me remeteu ultimamente se igualam às melhores já elaboradas em língua inglesa.”<sup>17</sup> A primeira edição de *Travels in the Interior Districts of Africa* (*Viagens nos distritos interiores da África*) surgiu em abril de 1799 e suas 1.500 cópias foram vendidas em um mês. Duas outras edições foram lançadas no mesmo ano; traduções francesa e alemã e uma edição americana vieram à luz em 1800. Park ganhou mil guinéus

16. Bovill, *op. cit.*, p.48.

17. Prefácio a Park, *op. cit.*, pp.viii-ix.

– índice da crescente pujança da indústria da literatura de viagem. O livro foi editado na forma de antologia, citado e constantemente reeditado desde então. Suas cenas dramáticas e estilo desprezencioso se transformaram em pedras de toque para os escritores-viajantes europeus nas décadas seguintes.

Ainda que invariavelmente lidas, como a “história simples e sem adornos” que Park afirmava ser, as *Viagens* de sua autoria exemplificam ricamente a erupção do estilo sentimental na narrativa européia sobre a zona de contato no final do século XVIII. Ou, de um ponto de vista contrário, seu livro mostra algumas das formas pelas quais a zona de contato foi recuperada pelo sentimentalismo europeu, numa época em que, como Peter Hulme tão apropriadamente notou, “a simpatia sentimental européia começou a fluir ao longo das artérias do comércio europeu, à procura de suas vítimas.”<sup>18</sup> Nas páginas seguintes, pretendo focar o texto de Park em maior detalhe como um exemplo do relato de viagem sentimental na fronteira imperial. Minha leitura irá salientar pontos de contraste em relação ao relato de viagem científica, tal como discutida no capítulo anterior. O objetivo é o de sugerir como o sentimentalismo tanto desafia quanto complementa a autoridade emergente da ciência objetivista. Passo, então, a outros exemplos do estilo sentimental, especialmente os debates sobre a escravidão, numa tentativa de inserir o relato de viagem sentimental no contexto das crises do euroimperialismo em fins do século XVIII.

## o anti-herói experiencial

Ainda que certamente pudesse tê-lo feito, Mungo Park não escreveu uma narrativa de descoberta, observação ou de coleta geográfica, mas sim uma narrativa de experiência pessoal e aventura. Ele escreveu, e descreveu a si mesmo, não como

18. Hulme, *op. cit.*, p.229.



homem de ciência, mas como herói sentimental. Ele se fez o protagonista e figura central de seu próprio relato, que toma a forma de uma série épica de dificuldades, desafios e encontros com o imprevisível. Park abre seu caminho pelo interior da África ocidental de cidade em cidade, de povoado em povoado, negociando seu salvo-conduto com um potentado após outro, trocando miçangas por alimento e proteção. Ele também se move verticalmente, para cima e para baixo (na maior parte das vezes para baixo) da escala social, de encontros palacianos com príncipes a cenas de indigência onde pede comida para escravos. Ele atravessa o ermo do deserto, enfrentando as vicissitudes da sede, as feras e os bandoleiros. A passagem seguinte exemplifica o dia-a-dia na narrativa do livro de Parker:

Na manhã seguinte (10 de março) partimos para Samamingkoos. Na estrada alcançamos uma mulher e dois meninos, com um asno; ela nos informou que estava indo para Bambarra, mas tinha sido parada no caminho por um grupo de mouros, que haviam tomado a maior parte de suas roupas e algum ouro; dissemos ainda que ela tinha necessidade de voltar para Deena até que a lua do jejum acabasse. Naquela mesma noite a lua nova surgiu, o que prenunciava o mês do Ramadã. Grandes fogueiras foram feitas em diferentes locais da cidade, e uma quantidade de provisões maior do que a usual ornou a ocasião.

11 de Março – Ao amanhecer, os mouros estavam preparados; contudo, como sofri muito no caminho devido à sede, fiz com que meu jovem ajudante enchesse um cantil de água para meu próprio uso; pois os mouros me asseguraram que eles não provariam nem carne, nem líquido até o pôr do sol. Entretanto, posteriormente percebi que o excessivo calor do sol e a poeira levantada ao longo da jornada superaram seus escrúpulos, e tornaram meu cantil uma parte muito útil de nossa bagagem.<sup>19</sup>

O espaço/tempo textual correspondente ao espaço/tempo da viagem é preenchido (ou constituído) por atividade humana, interações entre os próprios viajantes ou com as pessoas que eles encontram. A pausa para falar com a mulher e os dois meninos é recriada textualmente por uma pausa para reproduzir a sua história que, em si

19. Park, *op. cit.*, p.107.

mesma, constitui um drama humano. Paradas noturnas são caracterizadas não pelo lugar em que acontecem, mas pelo que as pessoas fazem lá. Não há qualquer descrição da paisagem. A natureza está presente apenas na medida em que atua sobre o mundo social: a lua cheia inaugura o Ramadã; a poeira e o sol fazem com que todos tenham sede. Do ponto de vista gramatical, os agentes humanos abundam no texto de Park, e há uma predominância de construções verbais ativas, ainda que as passivas também ocorram. O mundo natural se relaciona ativamente com as pessoas: a lua *inaugurou* o Ramadã; a poeira *superou* os escrúpulos das pessoas e *tornou* útil o cantil.

O contraste com o relato de viagem científico e informativo, discutido no último capítulo, não poderia ser mais esquemático. O livro de Parker surgiu, por exemplo, menos de dois anos após o lançamento das *Viagens* de John Barrow. Como foi discutido anteriormente, o espaço/tempo da viagem, no relato de Barrow, é apresentado basicamente pela expressão lingüística “face do país”, tal como vista pelos agentes cuja presença é eliminada pela linguagem do texto. As interações sociais dentro do grupo de Barrow e entre este grupo e os habitantes locais não são dramatizadas, e quando muito são mostradas tangencialmente. Com o propósito de comparação, reconsideremos a passagem de Barrow, citada na página 110 e, para maior conveniência, condensada aqui:

O dia seguinte, atravessamos o rio Great Fish, ainda que não sem alguma dificuldade, posto que as ribanceiras eram altas e íngremes, a corrente, forte, o leito, rochoso e as águas, fundas. Algumas belas árvores, salgueiros-da-babilônia, ou uma variedade daquela espécie, ladeavam o rio nesta área. O lado oposto apresentava um lindo campo, com muitas matas e cursos d'água ... A primeira noite que acampamos na região dos kaffir estávamos próximos a um córrego chamado Kowsha, que deságua no rio Great Fish. No dia seguinte passamos pelas vilas de Malloo e Tooley, os dois chefes e irmãos que havíamos visto em Zuure Veldt, vilas estas encantadoramente situadas sobre duas elevações que se destacam do riacho citado.

No texto de Barrow, conforme se poderia esperar, os verbos declarativos e construções intransitivas são numerosos: as margens *são* altas, os povoados *são localizados*, ob-

jetos *estão próximos a* outros objetos, as margens *apresentavam* matas e cursos de água, elevações *se destacam* e cursos d'água *caem*. Construções ativas não expressam ações, mas espetáculos sem movimento: as árvores *margeiam* o rio, a ribanceira *apresenta* um lindo campo. Ao aliar-se às práticas científicas/burocráticas do objetivismo, a autoridade do discurso de Barrow reside no distanciamento daquilo que é dito da subjetividade tanto do locutor quanto do experienciador. Com Park, ocorre o oposto. O relato sentimental se baseia explicitamente naquilo que está sendo expresso na experiência sensorial, juízo, agência ou desejos dos sujeitos humanos. A autoridade reside na autenticidade da experiência sentida por alguém. Os predicados tendem a ser ligados a observadores bem localizados, frequentemente por meio de verbos experienciais ou processos mentais: os mouros *asseguraram* a Park que tinham a *intenção* de jejuar, mas ele *concluiu*, com base na experiência, que eles não o fizeram.

Em relação à base dêictica do discurso, o pronome “eu” é evidentemente o elemento que mais claramente marca a linha de complementaridade entre ciência e sentimento. Considere-se, por exemplo, a maneira como Park descreve um dia de sede severa. Ela pode ser comparada à narração de Barrow do incêndio na selva, tal como foi citado na nota 37 do capítulo anterior (os itálicos são meus):

(Dois meninos) mostraram-*me* seus cantis de pele vazios e *me* disseram que não haviam visto água nas matas. Este relato não *me* proporcionou qualquer consolo; todavia era inútil lamentar, e *eu* segui adiante tanto quanto possível, na esperança de alcançar algum lugar com água ao longo da noite. *Minha sede* tornou-se então insuportável, *minha boca* rachou e inflamou-se; uma repentina escuridão freqüentemente caía sobre *meus olhos*, juntamente a outros sintomas de desmaio; e, dado que *meu cavalo* se encontrava extremamente fatigado, comecei seriamente a temer que *eu* fosse morrer de sede. Para aliviar o doloroso ardor em *minha boca e garganta*, masquei algumas folhas de diferentes arbustos, mas conclui que todos eram amargos e foram de nenhuma utilidade.<sup>20</sup>

20. Ibid., p.160.

É difícil imaginar um locutor mais suscetível e uma autodramatização maior. As esperanças e medos do próprio Park e sua própria experiência corporal constituem os eventos e registram sua significância. A linguagem das emoções – *consolo, lamentar, esperanças, insuportável* – atribui valor aos eventos. A informação é textualmente relevante (tem valor) na medida em que se apóia sobre o viajante-locutor e sua procura. Na narrativa científica, por contraste, a informação é relevante (tem valor) na medida em que se liga a metas e sistemas de conhecimento institucionalizados externos ao texto. Nas *Viagens* de Park, a cena que gerações de leitores acharam ser de longe a mais memorável, é uma em que o discurso da ciência é absorvido no narcisismo do discurso sentimental. A cena, que ornava a página título da edição de 1860 das *Viagens* de Park (veja-se fig. 13), apresenta seu momento de crise mais profundo, quando pilhado por bandidos em território hostil, ele é abandonado à morte no deserto. Encontrando-se “nu e sozinho, rodeado por animais selvagens e homens ainda mais selvagens,” Park confessa que “minhas forças começaram a me abandonar”. Ele é salvo pela epifania de um naturalista:

Neste momento, por dolorosas que fossem minhas reflexões, a beleza extraordinária de um pequeno musgo em fertilização, capturou irresistivelmente o meu olhar. Menciono isto para mostrar como a mente algumas vezes extrai consolo de circunstâncias insignificantes; pois ainda que a planta toda não fosse maior do que a ponta de um de meus dedos, não pude contemplar a delicada conformação de suas raízes, folhas e cápsula sem admiração. *Poderia aquele Ser (pensei eu) que plantou, regou e levou à perfeição, nesta obscura parte do mundo, algo que parece ter importância tão diminuta, observar sem preocupação a situação e sofrimentos de criaturas feitas à sua própria imagem? – certamente não!*<sup>21</sup>

O homem de sensibilidade, na hora da provação, vê *por meio* da linguagem da ciência e encontra o alternativo entendimento espiritual da natureza como imagem do divi-

21. Ibid., p.225.

no. Se a invasão do acampamento bosquímano por John Barrow provocou uma quebra no discurso científico, o emocionante esforço pessoal de Park aqui é um triunfo da linguagem do sentimento e de seu protagonista, o indivíduo.

Se, como sugeri mais acima, o proprietário rural, produtor de informação e auto-eclipsado, está associado aos aparatos panorâmicos da burocracia estatal, este sujeito sentimental e experiencial habita aquele autodefinido "outro" setor do mundo burguês, a esfera privada – lar do desejo, sexo, espiritualidade e do Individual. Sobre a fronteira imperial, se o primeiro incorpora ambições territoriais originárias do Estado, o último, como pretendo mostrar, congrega os ideais não da domesticidade, mas do comércio e da iniciativa privada. Sob muitos aspectos, os dois discursos não poderiam ser mais diferentes – mas evidentemente esta é exatamente a questão. Os dois não poderiam ser mais diferentes porque são em larga medida definidos um em termos do outro; são complementares, e, em sua complementaridade, balizam os parâmetros da hegemonia burguesa emergente. Na fronteira imperial, o sujeito sentimental partilha de certas características cruciais com seu correspondente científico: evidentemente, o caráter europeu, masculino e de classe-média; mas, também, a inocência e a passividade. Ele, da mesma forma, é o não-herói de uma anticonquista. Como procurarei mostrar por meio da leitura do livro de Park, o expansionismo europeu é tão esterilizado e mistificado na literatura sentimental quanto no modelo científico/informacional. Ainda que esteja posicionado no centro de um campo discursivo e não tanto na periferia, e ainda que seja composto por um corpo integral e não tanto por um olho desencarnado, o protagonista sentimental é igualmente construído como uma presença européia não intervencionista. Os eventos acontecem para ele, que os suporta e sobrevive. Enquanto construção textual, sua inocência repousa menos na auto-eliminação do que na submissão e vulnerabilidade, ou na *exposição* da auto-obliteração. Mungo Park descreve assim mesmo como um receptor, não como um iniciador, tão destituído de desejos quanto seu equivalente científico.

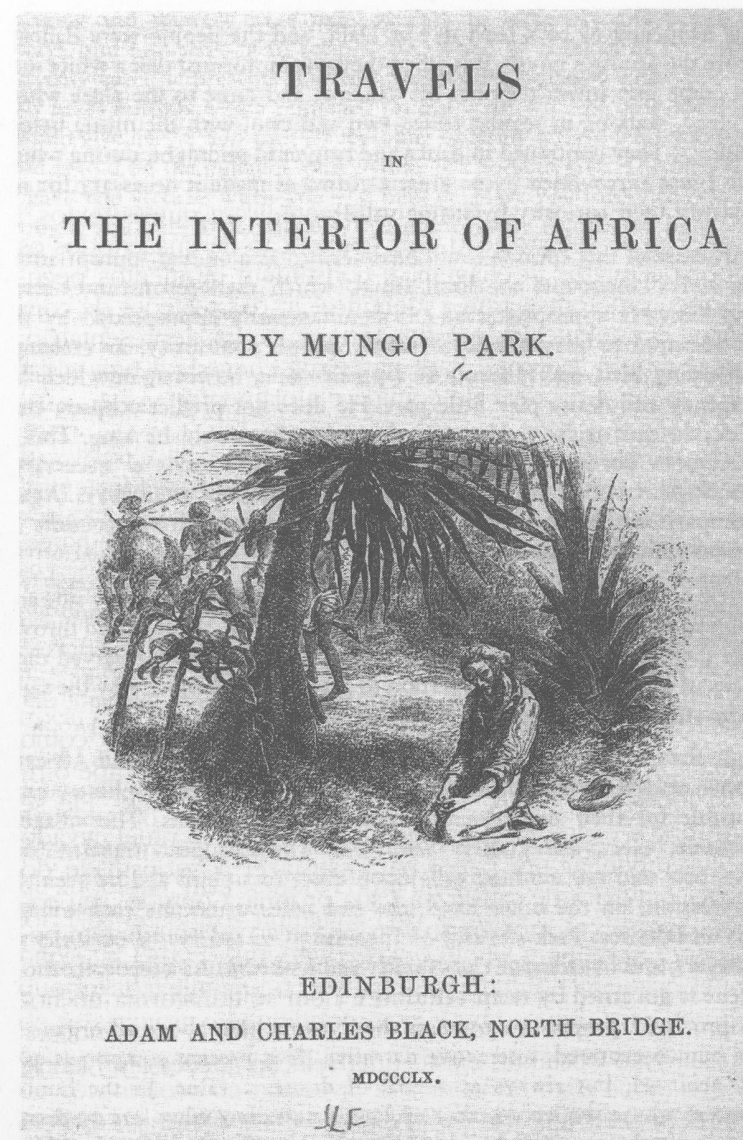


Fig.13. Página título, da edição de 1860 das *Viagens* de Park, ilustrada pela famosa cena na qual Park se desespera após perder tudo para ladrões.

## a mística da reciprocidade

Alguns dos momentos mais dramáticos na muito dramática narrativa de viagem de Mungo Park são as cenas de chegada que pontuam sua narrativa em intervalos particularmente numerosos. Como argumentei em outros textos,<sup>22</sup> as cenas de chegada são uma convenção de quase todos os tipos de relatos de viagem, e constituem momentos peculiarmente potentes para a identificação das relações de contato e o estabelecimento dos termos de sua representação. No exemplo seguinte, Park narra sua chegada a uma cidade à noite, à procura de comida e alojamento:

Aconteceu deste ser um dia de festejos em Dalli, e o povo estava dançando na frente da casa do Dooty. Mas quando ouviram que um homem branco havia entrado na cidade, eles deixaram a dança e vieram até o lugar em que eu estava hospedado, andando em ordem regular, dois a dois, com a música os precedendo. ... Eles continuaram a dançar e cantar até a meia-noite, e durante este tempo fui rodeado por uma tal multidão que tive de permanecer sentado imóvel para satisfazer sua curiosidade.<sup>23</sup>

A estrutura deste episódio poderia ser descrita como uma apropriação mútua. A chegada de Park interrompe o ritual local que, então, se reconstitui em torno dele. Ele se apropria e é simultaneamente apropriado pelo ritual, levado a desempenhar um papel para satisfazer a curiosidade do povo, em troca de satisfazer a sua própria. Contudo, seu papel é passivo, posto que sua própria ação e vontade têm pequeno relevo. Ele não prevê eclipses, não cura doentes, não apresenta truques com baralho e nem se transforma no homem que queria ser rei. Isto não é conquista, mas anticonquista. Não obstante, existe uma relação “necessária” entre

22. M. L. Pratt, “Fieldwork in Common Places”, in James Clifford e George Marcus (eds.) – *Writing Culture*, Berkeley, California U. P., 1987.

23. Park, *op. cit.*, pp.104-5. Esta faz lembrar o retrato de Timbuktu por Leão, o africano, que a descreveu como sendo habitada por “um povo de disposição gentil e alegre, que expendia uma grande parte da noite cantando e dançando pelas ruas.”

ele e os habitantes da aldeia, não um vácuo ou um abismo. A comparação com as *Viagens* de Barrow é novamente instrutiva. Barrow narra uma cena de chegada semelhante:

Uma grande multidão de pessoas dos mais diversos tipos afluíu de todos os lados e nos seguiram ao longo da estrada. Como o tempo estava quente, os homens puseram de lado suas túnicas e estavam completamente nus. Mas as mulheres mantiveram as suas, feitas de pele de bezerro, e seu esforço para satisfazer a curiosidade suscitada pelo aparecimento dos estranhos parecia acarretar-lhes grande incômodo.<sup>24</sup>

Mesmo que as metáforas sejam as mesmas, na versão de Barrow os europeus e os africanos (e homens e mulheres) permanecem em esferas separadas e não interativas, cada uma delas responsável por suas próprias vontades, intenções e ações. Os aldeões incomodam, instigam e satisfazem *a si mesmos*. Os viajantes europeus, pode-se supor, passam e vêem; nada faz com que se sintam imóveis e sejam vistos. Na versão de Park, por outro lado, os dois lados determinam as ações e vontades do outro. Park senta-se imóvel pela “necessidade” de satisfazer a curiosidade dos habitantes e, em troca, eles lhe dão abrigo e o alimentam. Enquanto representação, a cena é governada pela reciprocidade.

Reciprocidade, assim sustento, é a dinâmica que, acima de tudo, organiza a narrativa interativa de Park, centrada no humano. Ela está presente, por vezes, como uma realidade adquirida, mas sempre como um objeto de desejo, um valor. Nos encontros humanos cuja seqüência constitui a narrativa de Park, o que estabelece o drama e a tensão é quase que invariavelmente o desejo de se atingir a reciprocidade, de se alcançar o equilíbrio por meio da troca. Os encontros com os dirigentes locais, que formam os elementos básicos de constituição da narrativa, são antes de mais nada, negociações nas quais Park procura assegurar sua sobrevivência

24. John Barrow – *An Account of Travels into the Interior of Southern Africa in the years 1797 and 1798*, London, Cadell and Davies, 1801, reedição, New York, Johnson Reprint Corporation, 1968, p.192.

e salvo-conduto em troca da oferta de bens europeus. Eles são um confronto para encontrar um equilíbrio entre a finitude dos bens de Park e o grau de ganância praticada por seus anfitriões. Mesmo quando a pilhagem e o roubo reduziram Park à indigência e à mendicância, encontramos-lo invariavelmente esforçando-se para retribuir. Quando, por caridade, é alojado por uma escrava, ele presenteia sua “compadecida hospedeira” com “dois dos quatro botões de bronze que sobraram em meu colete, a única recompensa que eu poderia lhe dar.”<sup>25</sup> Em outra circunstância reveladora, a um escravo que lhe pede comida, o indigente Park responde que não tem nenhuma para dar. O homem replica, “Dei-te provisões quando estavas faminto. Esqueceste-te do homem que te trouxe leite em Karankalla?” “Imediatamente o reconheci”, escreve Park, “e mendiguei alguns amendoins de Karfa para dar-lhe como recompensa por sua gentileza anterior.”<sup>26</sup> Finalmente, sem mais nenhum botão sobrando, Park entrega seu próprio corpo numa negociação com o objetivo de completar sua jornada. Desesperado, encontra um mercador de escravos que se dirige para a costa e lhe promete “o valor de um escravo de qualidade” a ser pago quando ele fosse entregue a seus contatos britânicos naquela região.

As lutas diárias de Park, então, consistem principalmente de tentativas de alcançar a reciprocidade entre ele e os outros, ou de suportar sua ausência. É neste ponto, acredito, que seu relato expressa a expansão comercial em cujo nome ele viajou e escreveu. Enquanto na narrativa de Barrow as aspirações territoriais e colonizadoras do euroimperialismo são idealizadas na face despovoada do país, na de Park as aspirações comerciais expansionistas são idealizadas num drama de reciprocidade. Negociando seu trajeto através da África, Park é o protótipo do empresário. No entanto, o momento decididamente não recíproco do capitalismo europeu dificilmente poderia ser identificado nesta figura solitária e muito sofrida, independentemente de quan-

25. Park, *op. cit.*, p.180.

26. *Ibid.*, p.234.

to seja observada (pelo leitor ou pelos africanos). Ele de fato comercia, mas *nunca por lucro*. Inúmeras vezes o leitor vê mercadorias européias propiciando trocas simbólicas e subsistência. Na melhor das hipóteses, Park acaba ficando com nada mais que sua vida – e sua inocência.

Mais importante, talvez: ele se prova, ao final, maior que tudo isto. A epifania suscitada pelo musgo fértil é um momento transcendente não porque Park tenha sobrevivido, mas porque ele finalmente perde *tudo*. Ele não é mais definido pelas mercadorias européias. Ele se tornou aquela criatura em cuja viabilidade e autenticidade seus leitores podem se guiar para acreditar: o despojado, essencial e inerentemente poderoso homem branco.

## visão recíproca

No relato de Park, centralizado no sujeito, as mercadorias não são a única base de troca. Em contraste com o relato de viagem científico, o próprio observar se baliza, em seu texto, conforme os parâmetros de reciprocidade. Como a cena de chegada citada acima sugere, em contrapartida por sua observação da África e dos africanos, Park seguidamente se retrata como objeto de análise destes últimos. Numa inversão com tons de paródia, a valise de Park se transforma num gabinete de curiosidades para seus “companheiros de viagem” africanos, enquanto seu corpo é avaliado simultaneamente como um panorama e um espécime zoológico:

Os espectadores à volta, e especialmente as senhoras, eram bem mais inquisitivos; eles me faziam milhares de perguntas, inspecionavam cada item do meu vestuário, mexiam em meus bolsos e me obrigaram a abrir o meu colete e mostrar a brancura de minha pele; eles até mesmo contaram meus dedos, das mãos e pés, como se duvidassem que eu fosse verdadeiramente um ser humano.<sup>27</sup>

27. *Ibid.*, p.109.

Como esta passagem sugere, o exame recíproco é organizado conforme parâmetros de gênero, e determinado por aquela grande obsessão sentimental: o erótico transracional. Enquanto os homens africanos são os principais objetos do próprio olhar de Park, as mulheres africanas são os agentes especiais para a visão de Park. A cena descrita acima tem início com a apresentação de Park ao déspota Ali, que o está olhando através de um espelho sustentado por uma acompanhante. Ali perde o interesse em Park quando percebe que ele não sabe nada de árabe; Park torna-se, então, objeto do olhar feminino, cujo voyeurismo agressivo o feminiza no processo – uma outra anticonquista.

Freqüentemente, este escrutínio feminino é o preço que Park paga por comida. Numa corte mandingo, ele é entregue para inspeção a todo o serralho do rei, situação em que o imperativo de reciprocidade se impõe de forma cômico-erótica. As mulheres zombam de Park, sustentando que a brancura de sua pele e a “proeminência de (seu) nariz” são artificiais. “De minha parte”, diz ele, “sem questionar minha própria deformidade, prestei muitos elogios à beleza africana.”<sup>28</sup> Noutra ocasião, uma crise se forma quando um grupo de mulheres visita Park com o objetivo de “estabelecer, por inspeção efetiva, se o rito da circuncisão é estendido aos nazarenos.” Park se livra da averiguação pela insistência numa forma de reciprocidade:

Fiz-lhes ver que, em meu país, não era costumeiro oferecer demonstração ocular em tais casos, ante tantas belas mulheres; mas se todas se retirassem, com a exceção da jovem senhora a quem indiquei (selecionando a mais jovem e graciosa), eu satisfaria a curiosidade dela. As senhoras gostaram da brincadeira, e partiram rindo animadamente; quanto à jovem dama, ... enviou-me alguma comida e leite para minha ceia.<sup>29</sup>

Comidas de serralho como esta, devem muito às convenções da escrita orientalista que floresceu na Europa ao lon-

28. Ibid., p.49.

29. Ibid., p.119.

go do século XVIII. Como nas afamadas *Cartas Persas* de Montesquieu, muito da comédia repousa na inversão paródica das relações de poder e normas culturais eurocentradas, especialmente normas sobre ver e ser visto. Entretanto, neste ponto meu interesse está voltado, em primeiro lugar, para o caráter particularmente interativo da forma como Park usa este discurso; e, em segundo, como o mesmo discurso é utilizado para confirmar sua posição de anticonquistador.

O imperativo de reciprocidade se estende também ao conhecimento e à cultura. Repetidas vezes, Park dedica-se a retratar as reações dos africanos em relação a ele, da mesma forma que as suas diante deles, e estabelecer a comensurabilidade das formas de vida européia e africana, não obstante suas diferenças. Seu relato inclui muitas situações nas quais as duas estão muito deliberadamente justapostas ao que se poderia chamar de “visão recíproca”.<sup>30</sup> Numa ocasião, por exemplo, a perícia médica de Park é requisitada e ele propõe uma amputação para salvar um jovem que havia sido ferido por um tiro na perna. Os africanos respondem com horror. “Eles evidentemente consideraram-me uma espécie de canibal por propor uma operação tão cruel e desconhecida, que a seu ver acarretaria mais dor e perigos do que o próprio ferimento.”<sup>31</sup> As práticas medicinais indígenas são seguidas e o paciente é levado à morte. Park não explicita qualquer crítica à decisão de se rejeitar a cura européia, e também não procura contraditá-la com algum comentário próprio. Ao invés disso, o leitor é capaz de aceitar que a perspectiva africana no tocante à amputação é tão plausível quanto a convicção de Park de que, sem ela, o paciente morreria.

Não é fortuito que este confronto ideológico se dê em torno daquele que haveria de constituir (e ainda é) um dos instrumentos mais efetivos do euroexpansionismo – a medi-

30. Devo esta expressão ao meu colega Martin Evans, que a utiliza para falar do diálogo entre os Estados Unidos e a Europa. Cf. seu *America: The View from Europe*, Stanford Alumni Association, 1976.

31. Park, *op. cit.*, p.91.

cina ocidental. Numa época em que a medicina estava se revelando como um dos principais pontos de poder da Europa – especialmente em relação ao mundo islâmico, cujos dirigentes freqüentemente requisitavam médicos europeus para tratá-los -, Park sugere uma postura agnóstica sobre o assunto. Seu fracasso em estabelecer a superioridade da medicina européia sobre a “superstição” africana assume claramente nesse contexto implicações igualitárias, desafiando um lugar-comum da ideologia imperialista. Outros exemplos do enfoque de reciprocidade produzem o mesmo efeito. Numa ocasião, por exemplo, escravos que se dirigiam para a costa, confidenciam a Park sua crença de que serão vendidos para serem comidos. Eles rejeitam a explicação de Park de que estão sendo enviados para o trabalho agrícola. Ao invés de ridicularizar ou rejeitar a visão deles, Park respeita sua plausibilidade, apenas observando que esta crença “naturalmente faz com que o escravo contemple com grande terror uma jornada em direção à costa.”<sup>32</sup> A questão de se a escravidão é equivalente ao canibalismo ainda está em aberto. Algumas vezes Park constrói analogias para fazer com que práticas africanas tenham sentido em termos ingleses. Para explicar a propensão dos mandingos a expoliá-lo de seus bens, por exemplo, ele inverte as polaridades raciais e geográficas: “Suponhamos que um comerciante negro do Hindustão tenha chegado ao centro da Inglaterra, com uma caixa de jóias em suas costas, e que as leis do reino não o protejam...”<sup>33</sup>

Uma incongruência repetidamente tratada por Parker por meio da perspectiva de reciprocidade é a da sua própria presença na África, um tema sobre o qual os africanos com freqüência o questionam. Quando foi dito a um rei “que eu havia vindo de grande distância e enfrentado grandes perigos para contemplar o rio Joliba, ele perguntou se não havia rios em meu próprio país e se um rio não é igual a outro.”<sup>34</sup> Outro monarca, ao ouvir o relato de Park sobre si mesmo, não pare-

32. *Ibid.*, p.291.

33. *Ibid.*, p.240.

34. *Ibid.*, p.182.

ceu mais que “meio satisfeito”. “A idéia de viajar por curiosidade era nova para ele,” diz Park. “Pensou ser impossível, disse, que qualquer homem em seu juízo perfeito empreendesse uma jornada tão perigosa apenas para observar um país e seus habitantes.” Numa certa leitura, estes perplexos interlocutores africanos colocam em questão o princípio estruturador básico da anticonquista: a alegação de busca inocente de conhecimento. Em outra leitura, eles reforçam a anticonquista de Park: os africanos, afinal, não o consideraram ameaçador, apenas tolo. No episódio citado acima, Park restabelece a inocência de seu olhar observador, oferecendo ao rei “meio satisfeito” um objeto de observação, ou antes, um não-objeto de observação. Para provar que não pretende intervir no comércio local, ele mostra ao rei os parques conteúdos de sua valise. “Ele ficou convencido; e ficou evidente que sua suspeição havia nascido da crença de que todo homem branco era necessariamente um comerciante.”<sup>35</sup> Park e seu leitor sabem, evidentemente, que o rei não está assim tão errado. Park recupera sua inocência ao custo de expor, através da “errônea” impressão do rei africano, a inevitável má fé do imperialista.

A perspectiva de reciprocidade de Park e sua forma de apresentar as contradições da ideologia euroexpansionista, certamente, contribuíram para a impressão de verossimilhança e confiabilidade produzida nas várias gerações de leitores de seu livro. Ao longo do século XIX, críticos de cada nova edição louvavam a humildade e verossimilhança de Park.<sup>36</sup> O encanto durou. O eminente africanista contemporâneo, Philip Curtin, segue avaliação semelhante: “Ele (Park) simplesmente contou aquilo que havia visto, sem arrogância, sem parcialidade e (dado que não era um erudito) sem interpretação.”<sup>37</sup> Ainda que a ingenuidade possa

35. *Ibid.*, p.47.

36. Cf., por exemplo, Prefácio, *ibid.*, pp.viii-ix.

37. Philip Curtin – *The Image of Africa*, Madison, Wisconsin U. P., vol. II, p.207. Seguindo trilha semelhante, Christopher Lloyd qualifica Park não “como o tipo de homem capaz de adicionar colorido romântico a suas aventuras, dado que era, por temperamento, incapaz de preencher sua narrativa com descrições verborrágicas” (*op. cit.*, p.47).

estar mal colocada, a admiração não está. Em comparação com muitíssimos outros viajantes, especialmente alguns dos vitorianos que o sucederam, Park apresenta mundos plausíveis de ação e experiência africanas. Sua abordagem relacional da cultura sugere possibilidades genuínas de autocrítica. Ao mesmo tempo, ainda que sejam relativizadas, ou mesmo parodiadas, as ideologias européias não são jamais diretamente criticadas. O livro de Park deve muito de seu poder a esta combinação de humanismo, igualitarismo e relativismo crítico, ancorados firmemente na convicção da autenticidade, poder e legitimidade europeus.

A reciprocidade tem sido sempre a ideologia do capitalismo sobre si mesmo. Em seu instigante estudo da literatura sentimental na fronteira colonial, Peter Hulme demonstra este ponto, fazendo uso da clássica análise da reciprocidade por Marcel Mauss em *Essai sur le don*. Mauss argumenta que, em sociedades sem Estado, não capitalistas, a reciprocidade funciona como base da interação social, mesmo em formações radicalmente hierarquizadas, como o feudalismo. Nas palavras de Hulme, “somente sob as relações sociais fetichizadas do capitalismo é que a reciprocidade desaparece completamente, ainda que sua presença seja trombeta em altos brados.”<sup>38</sup> Ao mesmo tempo em que elimina a reciprocidade como base da interação social, o capitalismo a retém como lastro de uma das histórias que ele mesmo conta sobre si. A diferença entre troca igual e desigual é suprimida. Marx apresenta este ponto de forma um pouco mais abrangente numa famosa passagem de *O Capital*:

A esfera de circulação ou troca de mercadorias, dentro de cujas fronteiras a compra e venda da força de trabalho se processa, é de fato um verdadeiro paraíso para os direitos inatos do homem. É o reino exclusivo da liberdade, igualdade, propriedade e de Bentham. Liberdade porque tanto o comprador quanto o vendedor de uma mercadoria, digamos, a força de trabalho, estão determinados apenas por seu livre-arbítrio. Eles estabelecem um contrato como pessoas livres, que são iguais perante a lei. Seu

38. Hulme, *op. cit.*, p.147.

contrato é o resultado final em que sua vontade conjunta encontrará uma expressão final comum. Igualdade porque cada um deles se relaciona com o outro, da mesma forma que com um simples proprietário de mercadorias, e trocam equivalente por equivalente. Propriedade porque cada um dispõe apenas do que é seu. E Bentham porque cada um procura apenas sua própria vantagem. A única força que os une e os leva a se relacionar um com o outro é o egoísmo, o ganho e interesse privado individual. Cada um cuida apenas de si mesmo e ninguém se preocupa com os demais. E precisamente por esta razão, seja por acordo com a harmonia preestabelecida das coisas, seja pelos auspícios de uma providência onisciente, eles todos trabalham juntos para seu proveito comum, prosperidade comum, e interesse comum.<sup>39</sup>

Estes são os conceitos, diz Marx, que suprem o “livre-comerciante *vulgaris*” com “suas idéias, seus conceitos e padrões, pelos quais julga a sociedade de capital e trabalho assalariado”. Em vários aspectos, esta é a utopia que vemos Park tentando criar aonde quer que vá na África. Os obstáculos à utopia não são, é claro, europeus, mas africanos. A ganância africana, o banditismo africano e o tráfico africano de escravos ameaçam a mística da reciprocidade a todo momento – e eles são os únicos pontos em que Park não retribui. Ele preferiria morrer a roubar. Poderiam também os africanos se tornar assim tão bons? Ao longo de sua anticonquista, Park abraça os valores subjacentes à maior não-troca não recíproca de todos os tempos: a Missão Civilizadora.

Graças à malária, febre amarela e disenteria, a exploração do rio Níger, nas cinco décadas seguintes, foi esporádica até que o Dr. William Baikie decidiu testar a eficácia do quinino contra as febres mortais que haviam ceifado todos os sonhos de expansão naquela área. Como fenômeno literário, o esforço do Níger foi, contudo, um sucesso. Ele produziu uma literatura de exploração pujante e amplamente lida, muito da qual escrito conforme o modelo vivaz estabe-

39. Karl Marx – *Capital* (1867), tradução americana de Ben Fowkes, New York, Vintage, 1976, (ed. bras.: *O Capital*, São Paulo, Difel, 1985), vol. I, p.280. Para uma discussão crítica desta passagem, consulte-se Don L. Doherty – *History, Power, Ideology*, Cambridge U. P., 1990, pp.198 e ss.



lecido pelas *Viagens* de Park. As linhas da trama sentimental, da má sorte e vitimização provaram-se muito apropriadas para a expressão dos sofrimentos e fracassos das sucessivas expedições para o Níger; e o solitário protagonista europeu revelou-se de fato o único capaz de sobreviver na região. Incapaz de honrar seu próprio precedente, Mungo Park perdeu a vida em 1806 quando retornou ao Níger à frente de uma grande e altamente militarizada expedição que partiu com alvoroço e desapareceu até o último homem. A Associação Africana, reduzida a catorze membros, foi absorvida pela Royal Geographical Society (Sociedade Geográfica Real) em 1831.

## eros e abolição

Sentimentalidade e *sensibilité* começaram a se firmar no relato de viagem mais ou menos ao mesmo tempo que a ciência, a partir da década de 1760. Quando as *Viagens* de Mungo Park apareceram, em 1799, encontraram leitores já afeitos às dramatizações sentimentais da zona de contato, muitas das quais geradas pelo movimento abolicionista. Sexo e escravidão são os grandes temas dessa literatura. Ou, talvez, um único grande tema, pois os dois aparecem invariavelmente unidos nas narrativas alegóricas que invocam o amor conjugal como uma alternativa à escravização e à dominação colonial, ou como versão recém-legitimada destas.

O relato de viagem sentimental baseou-se, assim como o relato de Park, em tradições mais antigas daquilo que tenho chamado literatura de sobrevivência – histórias em primeira pessoa retratando naufrágios, naufragos, motins, abandonos e (especialmente na versão terrestre) cativos. Popular desde a primeira onda expansionista europeia em fins do século XV, esta literatura continuou a florescer em seu próprio rumo no século XVIII, mantendo-se até hoje. Embora seu sensacionalismo de baixo nível tenha experimentado a oposição das formas burguesas de autoridade que venho analisando neste livro, a literatura popular de sobrevivência beneficiou-se do fortalecimento da cultura impressa de massa. Os sobreviventes que retornavam de naufrágios ou cativos, podiam financiar o reinício de sua vida normal, escrevendo suas histórias para vendê-las em panfletos ou coleções baratos. Em 1759, por exemplo, o *Monthly Review* anunciava a publicação de uma quarta edição, “com consideráveis acréscimos”, de *French and Indian*